



EU
SEM
VOCÊ

Kelly
Rimmer

“Se você é fã de Jojo Moyes, David Nicholls e Nicholas Sparks, então irá amar *Eu sem você*.” – Goodreads





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

CAPÍTULO UM

Callum

Definitivamente *não* foi amor à primeira vista.

Com o canto do olho, percebi um pé descalço e imundo. Tentei virar para o outro lado, mas a verdade é que não dá pra perdoar: pés descalços em lugares públicos e, àquela altura, eu não havia reparado no corpo ao qual o tal pé pertencia. Tenho certeza de que fiz uma careta, mas estava realmente tentando me concentrar no laptop em que trabalhava. Óbvio que não fui muito bem-sucedido nisso, porque ela me flagrou.

– Se quiser ver meus olhos também, é só olhar para cima – disse ela com uma voz alegre.

Então, para me certificar de que não tinha interpretado mal aquele tom de voz, ergui os olhos para ela.

Foi assim que aconteceu nosso primeiro contato. E foi nesse momento que eu me apaixonei. Então, na verdade, talvez tenha sido amor à segunda vista.

Lilah era tão maravilhosa, em todos os sentidos, que é até difícil descrevê-la. Tinha pouco mais de 1,50 metro de altura e era bem magra – como se pudesse quebrar se você a abraçasse com muita força. Naquele dia, seus cabelos castanho-avermelhados estavam presos em um coque lustroso sem um único fio fora do lugar, e eu lembrei que alguns executivos diziam que cabelo solto era sinal de fraqueza. Lilah, de alguma forma, sabia adicionar acessórios encorpados de madeira a seu terninho cor de ameixa e ainda aparentar um profissionalismo impecável.

Havia algo muito conflitante entre a parte de cima chique e aquele pé que mais parecia ser de um morador de rua. Apesar da vergonha por ter sido pego no flagra, eu tive que perguntar:

– Por que não está usando sapatos?

– Olha, amigo, fiquei em pé por oito horas hoje. De salto – informou ela.

Então lançou um olhar de “Dá para acreditar nesse cara?” para as outras mulheres ao redor.

– Isso não é motivo para ficar descalça agora. De qualquer forma, se tivesse usado sapatos mais confortáveis, seus pés ainda estariam limpos.

– Ah, então *essa* é a solução.

Seu sarcasmo foi amenizado por uma risada.

– Quando eu entrar no tribunal amanhã e o juiz me perguntar por que estou de tênis, vou dizer que foi um cara na balsa que mandou.

– Uma das muitas coisas que não entendo em relação às mulheres é por que vocês se sujeitam a regras com as quais apenas outras mulheres se importam.

Eu já tivera aquela discussão com quase todas as mulheres que conhecia. E nunca acabava bem.

– Regras com as quais apenas outras mulheres se importam? Eu já fui demitida porque me recusei a usar maquiagem no trabalho – intrometeu-se a mulher ao lado de Lilah.

Um pouco antes de ela terminar a frase, Lilah lhe entregou um cartão de visitas.

– Você deveria ligar para o meu escritório. Podemos ajudá-la com isso – disse ela à desconhecida, mas sua atenção logo se voltou para mim. – Está sugerindo que as mulheres se vestem de forma profissional para impressionar outras mulheres no trabalho?

– Sou a favor do profissionalismo. Estou usando um terno, como você pode ver, e faço isso todos os dias. Mas se alguém sugerisse, direta ou indiretamente, que eu teria que usar grampos de mamilo para progredir na carreira, não entraria nessa. Se os seus pés estão machucados, use sapatos menos desconfortáveis. Simples assim.

Foi nesse momento, provavelmente tarde demais, que reparei que cerca de dez pares de olhos femininos, todos bastante raivosos, me fitavam. Virei a cabeça para conferir quanto ainda faltava para chegar a Manly Wharf.

– Pensando em nadar para fugir da discussão? – perguntou Lilah.

– Sei que não posso vencer. Os homens são proibidos de desafiar a instituição feminina.

– Cara, se você *vai* desafiar a instituição feminina – murmurou o homem ao meu lado –, *não* faça isso em uma balsa no meio do mar com uma advogada que acabou de passar oito horas em pé de salto.

– Sábias palavras – concordou Lilah.

– Não quero começar uma discussão – falei, apesar de querer, sim. – Só não entendo por que as mulheres precisam sofrer para ficar bonitas. Você é uma moça bonita, senhorita...?

– Senhora. E não é da sua conta.

– Senhora Não É Da Minha Conta – repeti –, você ficaria igualmente bonita e profissional com sapatilhas de couro ou com os saltos de hoje.

– Obrigada por ser gentil, embora condescendente.

O debate estava chegando ao fim, mas eu me recusava a sair daquela balsa sem descobrir quem ela era. Havia muito tempo não me sentia tão fascinado por uma mulher quanto estava por aquela advogada misteriosa. Mesmo com os pés descalços e imundos.

– E em que área você atua?

– Adivinhe.

Eu tinha cursado algumas matérias de direito na universidade, mas isso parecia ter acontecido séculos atrás, e não décadas.

– Societário – arrisquei.

– Não.

– Fundiário?

– Não.

Olhei para ela outra vez. Pelo traje, ela parecia fugir um pouco do padrão corporativo comum.

– Ah. Só pode ser na vara de família.

– Não!

Ela riu outra vez. Tinha uma risada delicada e harmoniosa – o tipo de som que você imaginaria que uma mulher linda como Lilah faria quando risse.

– Trabalhista?

– Errou de novo.

– Penal.

– Não.

– *Quais* são as outras áreas que existem?

– Apenas a mais importante e dinâmica.

– Direitos autorais?

Ela me olhou desconfiada.

– Você trabalha com entretenimento, senhor?

Foi a minha vez de rir.

– Trabalho com marketing.

– Pior ainda. Posso ver que, com essa cabeça capitalista, você nem vai parar para pensar no planeta em que vive. Típico.

Então a ficha caiu.

– Você é uma advogada ambientalista, pronta para salvar o mundo.

– Finalmente!

– Desculpe a ignorância. É que eu achava que esses advogados usavam camisas de linho e dreads, mas, pensando bem, os pés descalços deveriam ter me dado a dica.

– Não consigo deixar de me perguntar... – começou ela, mas parou no meio da frase, como se estivesse considerando o que ia dizer.

Em retrospecto, conhecendo Lilah, é provável que ela não tenha feito isso por hesitação, mas como uma estratégia para testar meu nível de interesse.

– Sim? – perguntei.

Na verdade eu estava atento a cada sílaba que ela dizia.

– Ah, nada.

Ela sorriu e senti um frio na barriga.

– Eu só estava me perguntando como você vai virar esse jogo e me convidar para jantar.

– Eu estava me perguntando se ele iria fazer você ir para casa e colocar sapatos confortáveis primeiro – interferiu a moça ao lado dela, rindo.

– Eu estou me perguntando se você não deveria convidar todos nós, por segurança. Talvez ela se mostre mais esperta que você – sussurrou o homem ao meu lado.

Todos à nossa volta riram baixinho, mas Lilah e eu olhávamos fixamente um para o outro, e o burburinho passou por mim como a claque de um seriado de comédia.

– Hoje? – indaguei.

– Não saio com caras da área de marketing.

Havia um tom brincalhão na voz dela e eu sabia que ela sairia comigo.

– Pois saiba que tenho uma horta de temperos no parapeito da janela da minha cozinha.

Era mentira, é claro – eu nem sequer *tinha* um parapeito, visto que eu havia demolido boa parte da cozinha durante a reforma que eu nunca conseguira terminar. Não importava. Meu tom desesperado inspirou mais risadas da nossa plateia, e Lilah abriu um sorriso.

– Ah, bom, *nesse* caso...

Sáímos juntos da balsa, enquanto a multidão começava a se dispersar no crepúsculo ameno de Manly Wharf. Lilah carregava uma bolsa enorme com um laptop, e eu tinha planejado várias horas de trabalho até a manhã seguinte. Eu não acreditava no destino – ainda não acredito –, mas, de alguma forma, sabia que precisava prestar atenção no que estava acontecendo, como se aquele momento fosse o começo de uma jornada única na vida.

– Então você é um gênio malvado do marketing – soltou ela.

Íamos atravessar a rua até o calçadão do Corso, e o tráfego ainda era intenso no final do horário de pico.

– Algo assim. De fato, hoje passei o dia inteiro bolando formas para enganar crianças e fazê-las comprar veneno.

– Cubra-o com açúcar.

– Já fazemos isso há anos. Minha nova técnica é cobri-lo com açúcar e cocaína. Estou sempre pensando em novas maneiras de mantê-las viciadas.

A piada não surtiu o efeito esperado. Ela me dirigiu um meio sorriso de pena.

– Por que marketing?

– Por que qualquer coisa? – rebati, dando de ombros. – Gosto do desafio de mudar a forma de as pessoas pensarem.

O semáforo ficou amarelo e o fluxo do tráfego diminuiu até parar. Seguimos com a multidão até o Corso, porque aparentemente é isso que as pessoas em Manly Wharf costumam fazer. Ali há um sem-número de lojas e restaurantes, e a outra ponta do calçadão dá na areia. Dia ou noite, verão ou inverno, pessoas se espremiam ao longo do Corso, atraídos pela praia.

– Você enfiou aqueles sapatos torturantes em algum lugar da bolsa? – perguntei.

Eu tinha hesitado em mencionar os pés dela outra vez, mas não conseguia imaginar um dono de restaurante feliz com um cliente descalço, apesar de estarmos a poucos metros do mar.

– Não, eles estão em segurança debaixo da minha mesa no trabalho, descansando e se preparando para mais tortura amanhã – respondeu ela. Então, lendo minha mente, acrescentou: – E se eu lhe mostrasse meu lugar preferido? *Existem* lugares em Manly Wharf que não se incomodam com o fato de eu ser uma hippie sujinha.

– Você sempre anda descalça por aí para saber disso? – perguntei.

– A vida é muito curta para ficar desconfortável. Se meus pés doem, eu tiro os sapatos. Se meu coque me incomoda, eu o solto. O que me lembra...

Ela parou, se apoiou na loja à sua direita e me deu a bolsa enorme, que eu peguei em silêncio. Lilah parecia ser tão mágica que qualquer movimento iria me surpreender e me impressionar, e meus sentidos estavam em alerta máximo. Observei-a tirar vários grampos do coque e desenrolar os cabelos. Ela espalhou os fios e os ajeitou, até que as pontas deles chegaram até quase a cintura. O coque apertado tinha modelado os fios em cachos suaves. Ela balançou a cabeça para soltá-los ainda mais.

– Assim está melhor.

Eu queria ter congelado aquele momento e tirado uma foto dela com meu celular. Estava escurecendo, e o brilho artificial da loja ao nosso lado iluminava os cabelos dela. Seus olhos azuis cintilavam como o oceano de Manly Wharf em um dia de sol e um sorriso suave preenchia seus lábios. Ela me deixou entorpecido.

– Pronto? – perguntou.

Será que eu tinha ficado olhando para ela o tempo todo? Não conseguia ter certeza. Aquele encontro estava começando a parecer bastante surreal.

Um pensamento fugaz passou pela minha cabeça. Será que eu já tinha me apaixonado alguma vez? Era essa a sensação?

– Vamos – falei.

Eu estava dolorosamente ciente da palpitação do meu coração. Quando me virei para continuarmos andando em direção à praia, ela riu.

– Minha bolsa combina muito com você. Não acha que, em algum momento próximo, a gente deveria se apresentar?

Devolvi a bolsa para ela e torci para que não percebesse o calor que subia pelo meu pescoço e me deixava vermelho.

– Sou Callum. Callum Roberts.

– Bom, olá, Callum Que Deixa Estranhas Descalças Darem em Cima Dele na Balsa – falou, sorrindo. – Sou Lilah Owens.

– Fui *eu* que dei em cima de você – protestei.

– É claro que deu. Acredite no que fizer você se sentir mais confortável – rebateu ela, e sorriu outra vez.

Lilah. O nome parecia perfeito para ela. Testei-o na minha cabeça – *Lilah Roberts* – e então afastei o pensamento, apavorado. Eu não queria me casar, nunca. Não fazia parte dos meus planos. Meus pais tinham me ensinado muitas coisas sobre amor e casamento – a lição mais importante foi a de que os dois *não* eram para mim.

– Aonde estamos indo? – perguntei, tentando me distrair da linha de raciocínio que minha mente havia traçado.

Senti uma vontade repentina de assumir o controle. Eu já havia frequentado todos os lugares onde valia a pena comer em Manly Wharf e pensei qual seria o mais adequado. Precisava ser informal por causa dos pés descalços, mas romântico – com pouca luz, uma carta de vinhos decente e uma música para criar um clima, talvez?

– Turners? – arrisquei.

– Eca.

Ela fez uma careta, nada impressionada com minha sugestão do renomado restaurante, que era o melhor gourmet da região.

– Não, estamos indo ao Giovanni on the Seaside.

– A pizzaria? – falei, confuso.

Tínhamos atravessado a rua e estávamos andando lado a lado pelo Corso, na direção da rua da praia que abrigava o Giovanni on the Seaside. Era uma pizzaria simples, com decoração antiquada, um cardápio com preços baixos e apenas algumas mesas, porque o forte deles era a entrega em domicílio.

– Não é sofisticado o suficiente para você?

Ela queria me provocar – ou talvez me testar.

– Está ótimo.

E também ficava bem perto do meu apartamento, o que parecia ser um bônus.

– Não achei que você fosse do tipo que gosta de pizza – comentei.

Principalmente porque parecia que ela nunca tinha comido nada não saudável na vida.

– Todo mundo adora pizza, não? – contrapôs ela.

– Acho que sim. Em que caso você está trabalhando?

– Bom, hoje fui ao tribunal tentar conseguir uma liminar para impedir a construção de uma nova mina.

– Por quê? A mina é ruim?

– A maioria das minas é ruim.

Qualquer outra pessoa que usasse aquele tom de voz soaria arrogante. Lilah simplesmente parecia confiante.

– Essa deve ficar bem próxima a um parque nacional. Há três espécies ameaçadas cujos habitats estão a poucos quilômetros do terreno. É muito arriscado.

– Você vai ganhar?

– Eu deveria.

Ainda bem que eu não era o juiz. Nunca conseguiria me concentrar nos detalhes se ela estivesse argumentando na minha frente.

– E o que você faz no seu tempo livre, Capitã Planeta?

– Eu gosto de cozinhar. Mas, na maior parte do tempo, faço tricô.

Não soube dizer se ela estava brincando ou não.

– Blusões?

– Sapatinhos, geralmente. Para os bebês que ainda vou ter.

Ela definitivamente estava brincando.

– Aposto que você tem um quartinho de bebê montado e tudo o mais.

– Dois, caso eu tenha gêmeos – rebateu Lilah.

– Você vai se esquivar de todas as perguntas que eu fizer?

– Você vai me fazer perguntas idiotas de primeiro encontro a noite toda?

– Se estivesse em uma ilha deserta, quais seriam as três coisas que você levaria?

– Um GPS, um celular via satélite e meu laptop.

Eu podia sentir a maresia e o aroma da pizza. O Giovanni on the Seaside se encontrava à nossa frente, mas, de repente, hesitei. Enquanto Lilah se adiantava para entrar, segurei-a delicadamente pelo cotovelo e a virei de volta para mim. Ela ergueu a sobrancelha.

– Não sei se devo levar você a esta pizzaria pequena e sem graça no nosso primeiro encontro.

– E por que não?

– Acho que você merece coisa melhor.

– Olha só, não é que você é um fofo?

Seu tom desafiador se amenizou um pouco e ela me deu seu primeiro sorriso genuíno da noite.

– Mas confie em mim, Callum, sou exigente quando se trata de comida e tem um prato aqui que eu amo.

A brisa suave agitou os cabelos de Lilah e uma mecha caiu sobre seu olho. Aproximei-me para prendê-la atrás da orelha e vi que ela engoliu em seco. Havia uma química estranha entre nós – desconfortavelmente intensa, mas, de alguma forma, inocente e pura, apesar de tanta insinuação sexual. Eu já queria beijá-la e sabia que ela desejava que eu a beijasse. Porém, pela primeira vez em toda a minha vida, eu queria saborear cada segundo e prolongar cada passo da jornada.

– Parece ser um prato que não posso me dar o luxo de perder.

O sorriso impertinente tinha voltado e o momento passou. Lilah se afastou e entrou no estabelecimento.

O restaurante podia até estar meio vazio, mas o cardápio estava lotado de opções. Eu já tinha ido lá antes, mas não encontrara nenhum prato em especial que valesse desbravar aquele menu exaustivo. Diferente de mim, Lilah sabia exatamente o que queria.

– Vegana com massa fina, por favor.

– Vegana?

– Sem carne, sem ovo, sem laticínios. Sem nenhum produto de origem animal – explicou o garçom, prestativo.

Fiquei confuso de verdade.

– Como se faz isso em uma pizza?

– Queijo de castanha-de-caju é maravilhoso – informou Lilah.

– Queijo de *castanha-de-caju*? – perguntei, me encolhendo. – Como isso pode existir?

– Acho melhor dividirmos a vegana com massa fina *grande* – disse Lilah, tirando o cardápio de mim.

– Mas eu ia pedir a de carne carnuda para amantes de carne, com carne extra e carne de acompanhamento.

O olhar dela me desafiou.

– Não sou uma vegana fervorosa, de forma alguma. Mas se você nunca ouviu falar de queijo de castanha-de-caju, não acha que o mínimo que deveria fazer é experimentá-lo?

Lilah podia ter sugerido que dividíssemos um prato de terra que, com uma piscadela, eu teria pedido uma pitada de cascalho por cima.

– Sempre posso dar um pulo no açougue no caminho para casa – murmurei.

– Então você não tem problemas em flertar com uma estranha em público, mas *tem* medo de uma refeição feita sem animais mortos.

– Diversos animais mortos. Sou supercarnívoro.

– Você mora aqui perto?

– A algumas quadras daqui.

Sob outras circunstâncias, eu certamente não teria notado a maneira sutil como as sobrancelhas dela se ergueram ou a curva suave de seus lábios. Ela havia pensado em ir para casa comigo. Nossos olhares se fixaram um no outro por um breve instante antes de ela endireitar a postura e tirar o cabelo do rosto.

– Eu adoro Manly Wharf – disse ela. – Adoro a maresia no ar da noite, o deleite no rosto dos mochileiros quando descem do ônibus e, acima de tudo, o fato de que o centro financeiro fica em outro universo.

– Na verdade, tenho um caso de amor nada saudável com Sydney em si – admiti. – Morei no centro financeiro até ano passado. A energia me recarrega.

Mais que isso. A energia abastecia minha criatividade e eu sentia, de alguma forma, que a cidade tinha me inspirado a trabalhar com a intensidade de que eu trabalhara ao longo dos anos. A cidade e a sensação de que minha carreira realmente era tudo que importava na vida. Então era melhor que eu fizesse isso valer a pena.

– Por que se mudou?

– Comecei a suspeitar de que não se pode ficar conectado o tempo todo – respondi. – Me desgastava, era sempre tudo muito agitado. Não queria me mudar para muito longe, e a ideia de correr na praia antes do trabalho e, depois, pegar a balsa lenta para atravessar a baía era tentadora.

- Você corre na praia antes do trabalho?
- Não com a frequência que eu achava que correria.
- E você pega a balsa rápida.
- Se você pode bancar um apartamento em Manly Wharf, não tem tempo de pegar a balsa lenta – respondi e dei um suspiro.
- Isso é muito triste, mas acho que você tem razão.

Eu nunca havia entendido como era ficar tão encantado com alguém a ponto de não conseguir tirar os olhos dessa pessoa. Tenho certeza de que sou um péssimo ouvinte – costumo ser egocêntrico, uma característica que muitas das minhas ex-namoradas confirmariam. Mas, com Lilah, eu não queria perder nenhuma palavra.

- Herdei a casa da minha avó quando ela faleceu – disse ela em voz baixa. – Comecei com direito corporativo, ganhei bastante dinheiro e pensei que conseguiria suprimir minhas tendências de boa samaritana dando um trato no jardim enorme que meus avós cultivavam. São alguns metros quadrados de árvores frutíferas bem perto da praia, em Gosford, o lugar mais lindo onde já estive. Mas em poucos meses destruí tudo. – Lilah riu. – Eu não tinha a menor noção do que estava fazendo, mas a ideia parecera tão... romântica.

- O choque entre realidade e expectativa – deduzi.

- Exatamente. Agora, um casal de idade que mora do outro lado da rua cuida do pomar e já até plantaram uma horta também. Como eles cuidam de tudo direitinho para mim, deixo que vendam o que plantam na feira de produtores nos fins de semana. Passo lá de vez em quando para me empanurrar de frutas e verduras. O sonho só poderia dar certo abrindo mão da expectativa.

- Acho que foi isso que fiz com relação à minha mudança para Manly Wharf, na verdade.

Fiquei surpreso com a profundidade da constatação antes mesmo de terminar de falar.

- Mas tudo bem. Mesmo que não seja a vida boa que eu tinha imaginado – concluí.
- Você cresceu na cidade? – perguntou ela.
- Em Cronulla. E você?
- Ah, já morei em vários lugares.
- Você tem parentes em Sydney?

– Minha mãe vive em uma casa em Gosford. Meu pai faleceu há algum tempo.

– Sinto muito. – Hesitei. – Meus pais também já morreram.

– Tenho a teoria de que, quando seus pais morrem, você se sente como uma criança de novo. Mesmo que esteja com 90 anos.

– Acho que tem razão.

Eu odiava – ainda odeio – falar sobre a morte dos meus pais, sobretudo para mulheres – ainda mais aquelas pelas quais eu me interessava. Era uma história de encanto e amor e elas sempre faziam aquela terrível expressão de nostalgia. Quando eu chegava ao final deprimente da história, parecia que ou estava partindo o coração delas ou elas não tinham entendido nada e só enxergavam aquilo tudo como algo romântico, o que me irritava ainda mais.

– Faz tempo que seus pais faleceram?

– É uma longa história.

Eu não estava tentando enganá-la, apenas não era o clima que eu queria estabelecer para o jantar. Antes que eu pudesse pensar em como mudar de assunto, Lilah fincou o cotovelo na mesa, com o queixo apoiado na mão, e me deu um sorriso suave.

– Não estou com pressa.

Talvez eu tivesse conversado sobre meus pais umas três vezes com mulheres com quem saí e é provável que eu tenha me sentido irritado no final das três. Em uma delas, eu havia convidado uma mulher que conhecera na academia para sair, e quando começamos a falar sobre os nossos pais e eu contei a história dos meus, ela chegou a *chorar*. Encerrei o jantar mais cedo e fui para casa sozinho. Lembro que resisti à vontade de brigar com ela, de mostrar o que *deveria* ser óbvio: não havia *final feliz* naquela história.

Suspeitei que talvez Lilah tivesse uma reação diferente – não sei bem por quê, talvez fosse instinto. Comecei a falar antes mesmo de decidir fazê-lo.

– Minha mãe era americana. Ela e meu pai se conheceram em Nova York. Ele tinha 21 anos e já trabalhava como jornalista havia algum tempo. Ele tirou um longo período sabático para ir atrás de aventuras e, de alguma forma, acabou lá. Eles se esbarraram em um supermercado, na seção de enlatados, eu acho, e se tornaram inseparáveis desde então. Minha mãe costumava dizer que eles literalmente não passaram nem um instante lon-

ge um do outro até meu pai voltar para o trabalho alguns meses depois. Ela veio com ele para cá, os dois se casaram em poucas semanas, arrumaram uma casa e continuaram sendo felizes.

– Um conto de fadas.

Lilah não parecia impressionada.

– Onde está a bruxa má? Sempre tem uma bruxa má – emendou ela.

Sorri.

– Hippie e realista. Gostei.

– Quero ser otimista e acreditar na bondade da raça humana, mas a verdade é que, como espécie, nós somos péssimos. Então, onde foi que tudo deu errado? Divórcio? Infidelidade?

– Ah, não, eles foram mesmo felizes. Durante quarenta anos. Eu nasci, meus irmãos gêmeos nasceram, inúmeros cachorros e gatos amados vieram e se foram, eles compraram e quitaram a casa, tiraram férias incríveis de vez em quando e cresceram em suas respectivas carreiras até se aposentarem. E o pior: eu nunca, nenhuma vez, vi os dois trocarem uma única palavra desrespeitosa. Nossa família tinha uma estabilidade inacreditável. Eu tive apenas um quarto na vida até sair de casa e ir para a faculdade.

– Que infância terrível. – Ela ergueu uma sobrancelha para mim. – Coitadinho.

– Não se preocupe. Acabou dando errado, sim.

Lembrar como perdi meus pais sempre fazia parecer que uma tempestade estava se aproximando. Tentei segurar a barra.

– Minha mãe sofreu um derrame, de repente, quando tinha 60 anos. Ela estava perfeitamente bem e, no minuto seguinte, tinha morrido. Uma semana depois, meu pai faleceu também. Disseram que ele teve um ataque cardíaco.

– Mas você sabe que não foi isso.

As palavras dela me pegaram de surpresa.

– Sim, eu *sei* que não foi. Não havia nada de suspeito na morte dele. Ele apenas parou de viver. Os dois haviam construído uma vida inteira juntos. Quando minha mãe morreu, meu pai não tinha mais nada. Droga, eu fico surpreso de ele ter durado uma semana. Esse é o problema com o amor de conto de fadas... E aí está a sua bruxa má. Amor verdadeiro nada mais é do que sinônimo de dependência desesperada.

– Eu nem acredito em amor verdadeiro, seja lá o que diabos esse concei-

to signifique. E sua história não tem nada de amarga. É linda. Eles viveram quarenta anos de felicidade e tiveram uma vida ótima juntos. Sua mãe partiu muito rápido e o subconsciente do seu pai resolveu segui-la. Tenho certeza de que foi horrível perder os dois de uma vez, mas, no fim das contas, assim como a sua mudança para Manly Wharf, é a vida. Além disso, você e seus irmãos são frutos do relacionamento deles, então, de certa forma, a união dos seus pais continua viva.

Foi a primeira vez que deparei com a Lilah sincera e, por um instante, não soube o que pensar dela. Recostei-me na cadeira e analisei as lindas contradições – a empatia em seus olhos, as linhas firmes ao redor da boca. De repente percebi que Lilah estava me *ouvindo* – ouvindo mesmo, como se eu fosse um assunto que demandasse concentração intensa. A indiferença dela em relação à minha dor magoava um pouco, mas era amenizada pela surpresa de atrair sua total atenção.

Eu já tinha usado bastante a temática do romance para vender produtos, alimentando o público com o papo de que você pode encontrar alguém que vai entendê-lo e vice-versa e, juntos, o mundo vai ser um lugar mais fácil. Nas campanhas publicitárias, geralmente usamos o sexo para expressar essa ideia, já que as pessoas buscam conexão, e é por isso que estratégias de venda assim funcionam tão bem.

E ali estava eu, com quase 40 anos, um cara que sacava aquele conceito desde que se entendia por adulto, sentado em uma pizzaria um tanto suja e talvez desejando uma conexão daquelas pela primeira vez. Houve mulheres, até mesmo namoradas, que passaram pela minha vida sem nem me conhecer de verdade, e quando elas tomavam o próprio rumo, eu permanecia o mesmo. Ainda que Lilah saísse correndo do restaurante no meio da nossa pizza, eu tinha a sensação de que esse não seria o caso.

– Acabei de revelar mais sobre a minha família para você do que alguns dos meus melhores amigos sabem. E você acabou de ser mais brutal comigo do que qualquer um deles, apesar de eu ainda curtir uma fossa por conta desse assunto mesmo uma década depois.

– Você só precisa de amigos melhores – disse ela, e nós dois rimos.

A pizza chegou, servida de forma silenciosa pelo garçom efetivamente invisível, e Lilah apontou para ela.

– Descubra as maravilhas de uma versão ecologicamente sustentável de comida, meu caro.

Parecia uma pizza comum, mas no lugar da carne havia pedaços de abóbora e azeitonas. Suspirei e peguei uma fatia, a maior de todas, e, de alguma forma, parecia leve demais.

– Na próxima vez que eu encontrar uma estranha imunda na balsa, vou mandá-la primeiro lavar os pés e calçar sapatos para podermos ir a algum lugar com comida de verdade.

– Todas as vezes que *eu* escolho um estranho na balsa e o trago aqui, ele reclama quando o obrigo a comer a pizza vegana com massa fina.

Ela colocou uma fatia de pizza em seu prato e sorriu para mim.

– *Bon appétit!*

– Por que ser vegana? – perguntei a ela depois das primeiras mordidas.

A pizza até que era saborosa, mas não me satisfaria. Eu sabia que estaria morrendo de fome dali a algumas horas.

– O queijo de castanha-de-caju não convenceu? – Lilah fingiu estar chocada. – Foi uma revelação quando comi pela primeira vez.

– Revelação o suficiente para abandonar praticamente todas as comidas deliciosas conhecidas pelo homem?

– Passei um tempo na China, alguns anos atrás. Eu estava viajando com um amigo e um dos colegas de faculdade dele trabalhava prestando auxílio médico em uma vila isolada. Muitos idosos daquela comunidade ainda eram incrivelmente saudáveis, mas seus netos eram obesos e doentes. Tudo se resumia à dieta. Mesmo que os serviços de saúde tenham melhorado, mais carne e laticínios se infiltravam na alimentação deles, então, em vez de acontecer o que *deveria* ter acontecido, a nova geração ficou com sérios problemas, enquanto os mais velhos continuaram firmes e fortes.

– E isso foi suficiente para inspirá-la a abrir mão de tudo?

– Nem um pouco.

Lilah sorriu para mim.

– Aí eu fui para a Europa e depois passei uns meses na América Central antes de finalmente voltar e me comprometer com uma vida à base de verduras e legumes. Mas, sim, eu evito produtos de origem animal desde então. Minha emissão de carbono anual é pelo menos nove vezes menor que a sua.

– E isso é bom, certo?

Ela revirou os olhos.

– É bom, sim.

– Você fez essas viagens quando estava na faculdade? Tirou um ano sabático?

– Ah, não, foi há pouco tempo – disse Lilah enquanto pegava mais uma fatia. – Fiquei um ano sem trabalhar e fui ver o mundo.

– Sempre pensei em fazer isso.

– E o que o impede?

– Não faço a menor ideia. Meus irmãos estão em Melbourne e em Paris; volta e meia eles me mandam e-mail perguntando quando vou visitá-los. Quase nada me prende aqui, a não ser o trabalho. Mas, sabe como é, simplesmente não consigo encontrar tempo para fazer um monte de coisas, e tirar férias é uma delas, mesmo que eu saiba que preciso ir ver os dois, encontrá-los no meio do caminho, ou sei lá... alguma coisa.

– A vida é curta, sabia?

Os olhos azuis dela brilharam.

– Eu podia ter jogado você para fora da balsa com *muita* facilidade hoje e você nunca teria visto seus irmãos de novo, nem mesmo dado uma espiada na Torre Eiffel.

– Eu já vi no Google Earth. Não pareceu tão legal assim.

– Fui a Paris pela primeira vez quando tinha 19 anos, com meu namorado na época. Fizemos um mochilão nas férias de verão. Vivemos à base de pão e queijo barato e dormimos em albergues cheios de pulgas. Quando fui visitar a Torre Eiffel, eu estava com o homem com quem eu achava que iria me casar. Pareceu um sonho.

– Achei que você não acreditasse em amor verdadeiro.

Eu não estava com a cabeça no lugar e sentia ciúmes.

– Quem falou em amor verdadeiro? Foi a minha primeira experiência sexual que não terminou em lágrimas, e eu achava que isso era especial na época. Observamos a neve cair na torre, compartilhamos comida barata e ficamos abraçadinhos, e aquele foi o momento mais romântico da minha vida.

– Então, onde estava a bruxa má? – soltei.

– No albergue. Mais tarde, naquela noite, eu peguei os dois no flagra. Do meu lado, enquanto eu dormia. Na mesma cama. Eles estavam usando até o mesmo *cobertor* que eu.

Eu me encolhi, e ela riu.

– É uma ótima história, não é?

- É verdade?
 - Cada detalhe sórdido.
 - Então a moral da história é “Vá a Paris com alguém que você ama, mas durma com um olho aberto”?
 - Não, Callum. A moral da história é “Simplesmente vá a Paris, caramba”. Não é tão difícil assim.
 - Você parece o gerente de RH da empresa falando.
 - Ah, bom, se você não ouve o gerente de RH, então estou perdendo meu tempo.
- Lilah riu outra vez e pegou o cardápio na mesa.
- Para alguém que não ficou impressionado com queijo de castanha-de-caju, você comeu praticamente a pizza toda.
- Ela tinha razão. E eu ainda estava morrendo de fome.
- Ops.
 - Mais pizza? – sugeriu Lilah, abrindo o cardápio e virando-o para exibir a carta de vinhos. – Que tal um tinto?

Demorei mais ou menos uma hora para perceber que Lilah vivia e respirava seu trabalho. Até aquele momento, eu dizia que também era assim, mas o dela era uma causa e o meu, uma carreira. A diferença era clara.

- Você se lembra de ter visto na mídia, no ano passado, sobre a luta por uma árvore perto de Shelly Beach?

- Vagamente – menti.

Se eu tinha ouvido falar, não havia prestado atenção suficiente para me lembrar. Devo ter visto uma ou duas matérias e deixado de lado por ser só papo-furado riponga.

- Era o meu escritório, meu caso. Um executivo queria derrubar uma árvore nos limites da reserva para que ele pudesse ver o mar da pia de sua cozinha.

- Nem sabia que tinha uma reserva lá.

Ela arregalou os olhos e eu fiz uma careta.

- Desculpe. E esse caso foi grande?

- Grande? Você está brincando?

Ela ficou perplexa.

- Você nem *ouviu* falar dele?

– Ouvi falar, sim.

Outra mentira, e não muito convincente dessa vez, porque Lilah inclinou a cabeça para mim e estreitou os olhos.

– Só não me lembro dos detalhes.

– Toda a comunidade se envolveu, Callum. Fizeram eventos para arrecadar fundos todos os fins de semana para pagar nossos honorários! Houve encontros públicos e protestos a um quarteirão daqui! Como é que você perdeu seis meses de manifestações bem na porta da sua casa?

– Espere um minuto. Tudo aquilo era por causa de *uma* árvore?

– Era apenas uma árvore, mas ela tinha 200 anos. E, lembre-se, o único crime da árvore foi ter crescido bem na frente da vista que um figurão do mundo corporativo queria curtir duas semanas por ano quando passasse as férias lá.

– Você passou seis meses trabalhando para salvar uma árvore.

– Você não está entendendo o significado disso, Callum. Sim, era *uma* árvore. Mas ela representava algo para essa comunidade, e nós impedimos *um* cara e seu talão de cheques gordo de a derrubarem. E quer saber? Daqui a cem anos aquele executivo já terá morrido, mas a árvore ainda estará lá. E fomos *nós* que fizemos isso.

Havia alegria nos olhos dela, um orgulho cintilante combinado a uma determinação férrea, e falar daquele caso era tão empolgante para Lilah que ela tinha ficado totalmente animada, gesticulando enquanto me explicava tudo. Quando Lilah falava sobre seu trabalho, havia um significado real naquilo – uma importância cósmica da qual eu nunca nem havia chegado perto, e ela parecia ficar completamente absorta de tão fascinada. Lilah salvava espécies ameaçadas, lutava por indenização e era contra práticas perigosas de mineração. Quando ela se saía bem no trabalho, o ecossistema estava protegido ou as pessoas melhoravam de vida. Quando eu me saía bem, acordos eram fechados e produtos, vendidos. O impacto para as futuras gerações no caso dela seria imensurável e positivo; o impacto para as futuras gerações no meu provavelmente seria obesidade, pobreza e carência, independentemente de quão ricas as pessoas fossem.

O contraste deveria ser chocante, mas havia algo magnético naquele tipo de paixão. Talvez fosse a confiança necessária para se comprometer com algo de forma tão plena ou apenas o entusiasmo que irradiava dela. Fosse o que fosse, eu estava fascinado.

– Vou mostrar para você – disse ela de repente.

– Me mostrar o quê?

– A árvore. Você vai entender quando a vir.

Lilah e eu terminamos o vinho e a segunda pizza, e o restaurante começou a encerrar suas atividades. Era hora de ir embora, e eu pensava que iria com ela, mas *na direção* do meu apartamento, não *para longe* dele.

– Agora?

– Sim.

– No escuro?

– É uma caminhada de quinze minutos e tem uma trilha até lá. Eu conseguiria encontrar o caminho de olhos vendados. Você não?

– Na verdade...

Os olhos dela se arregalaram, depois se estreitaram.

– Por favor, não me diga que você nunca esteve lá.

– Bom, eu sei que é lá. É só que a praia principal é mais perto e ouvi dizer que Shelly Beach é muito pequena.

– Você só pode estar brincando. Você mora em Manly Wharf e nunca foi a Shelly Beach?

– Tem muitas coisas que eu ainda não fiz.

– Mas o que você *já* fez? Você nunca vai visitar Paris se não consegue nem se arrastar até Shelly Beach. Vamos lá!

– Mas... você está descalça.

– Por que eu precisaria de sapatos para ir à praia?

– Para não pisar em nenhum caco de vidro?

– Meu Deus, Callum, se eu tivesse medo de tudo, nunca faria nada.

Ela riu, mesmo enquanto meneava a cabeça para mim. Lilah já estava pegando a conta e eu estiquei o braço para tomá-la da mão dela.

– Ah, me deixe...

– Eu não ia pagar.

Ela me lançou um olhar severo.

– Vou pagar metade.

A determinação teimosa daqueles grandes olhos azuis avisou que eu não devia me dar o trabalho de protestar.

– Claro.

Sáímos do calor do restaurante para a penumbra da rua. Havia um frescor no ar e, quando já ia protestar mais uma vez sobre fazer trilha tarde da

noite, Lilah silenciosamente enroscou a mão na minha. As palavras morreram antes mesmo de saírem da boca e fechei os dedos em torno dos dela no mesmo instante.

Era um gesto tão inocente e, é claro, não era nada – nada em comparação com a intimidade que eu havia compartilhado com outras mulheres ou até mesmo a intimidade que eu esperava compartilhar com Lilah em algum momento no futuro. Mas a mão dela na minha, a pele macia e suave, o calor de um no outro... ah, tudo isso era de tirar o fôlego. Olhei nos olhos dela e enxerguei o brilho da promessa e da empolgação. Sorrimos. Eu teria ficado ali por mais tempo, curtindo a paz e a tranquilidade que aquele contato proporcionava, mas Lilah, aparentemente, tinha outros planos, porque seguiu puxando meu braço com delicadeza enquanto me guiava na direção da praia.

– Não consigo entender como alguém pode morar aqui e nunca ter mergulhado na Cabbage Tree Bay. Você sabe que é um santuário de vida marinha, né?

– Agora eu sei.

Lilah soltou uma risadinha que mais parecia um grunhido.

– É a única reserva marinha de Sydney. As pessoas vêm do mundo todo para visitá-la. Há quase duzentas espécies aquáticas lá, incluindo cinco que estão ameaçadas. Você já mergulhou alguma vez?

– Não... mas não me importaria em tentar. Adoro fotografia. Pensei que um dia pudesse fazer fotos subaquáticas.

– Há escolas de mergulho bem aqui em Manly Wharf. Você nem precisa ir muito longe de casa.

Eu podia ouvir o tom confuso na voz dela e, na verdade, até entendia. Minha inércia era desconcertante para mim também. Era como se eu não conseguisse me motivar nem para fazer as coisas que eu desejava realizar, então o que eu acabava fazendo – às vezes, *tudo* o que eu fazia – era trabalhar e procrastinar.

– Então, você mergulha também? – perguntei a ela.

– Na verdade, eu não gosto. Já fiz e senti claustrofobia. Mas isso não significa que não valha a pena tentar.

Tínhamos chegado a uma rua e esperamos os carros pararem de passar. Nossas mãos ainda estavam entrelaçadas, nossos laptops em bolsas penduradas no ombro.

– O *que* você faz para relaxar, Lilah? – perguntei.
– Relaxar? – repetiu ela. – Isto não é relaxante?
– Correr na direção da praia no meio da noite com um quase desconhecido que não tem nenhum conhecimento ecológico é relaxante?
– *Passear* na direção da praia *ao luar* com um *novo amigo* é relaxante. Você é uma daquelas pessoas que acham que só é possível relaxar quando se está parado?

Eu ri e respondi:

– Para falar a verdade, sim.

Conforme nos afastávamos da zona comercial e seguíamos para a reserva, as luzes das lojas foram sumindo, restando apenas os postes acesos, que também desapareceram aos poucos até sobrar apenas a luz de uma lua quase cheia. A transição foi constante mas sutil, e com ela veio um novo silêncio. O alvoreço do trânsito e do vozerio deu lugar ao som das ondas e de palavras ditas com mais suavidade.

– Você realmente nunca esteve aqui? Nunquinha? – perguntou ela.

Eu nunca tinha ido nem à praia principal à noite, muito menos à praia menor e isolada para a qual Lilah estava me arrastando. Já vira a trilha e sabia vagamente que ela levava a uma praia pequena, mas não me interessara o suficiente para caminhar até lá sozinho.

– Nunca. É mesmo tão fantástica assim?

– Você vai ver com seus próprios olhos em alguns minutos. Bom, você vai ver a versão noturna.

Depois de alguns passos, ela olhou para mim.

– Não entendo isso. Como você pode morar tão perto e não sair para explorar?

Dei de ombros.

– Estou explorando agora. Gosto de esperar que a aventura me encontre. É o caminho mais seguro.

– Não há nada de seguro nisso – garantiu ela. – Para mim, parece que você corre sério risco de morrer de tédio.

– Não estou entediado – falei.

Havia um tom defensivo na minha voz e me apressei em acrescentar:

– Estou feliz. Não é isso que as pessoas devem buscar na vida?

– Depende de para quem você pergunta.

Ela parou de repente e apontou para a frente, para a escuridão.

– Ali embaixo está a piscina rochosa, então estamos na metade do caminho.

– Você faz essas coisas com frequência?

– Como assim?

– Aulas noturnas de ecologia com os caras com quem você sai.

– Bom, para começar, eu não *saio com caras*. – Ela riu. – Não sei direito o que aconteceu lá na balsa, para falar a verdade. Normalmente eu teria dispensado você em aproximadamente um milésimo de segundo.

– Fico muito feliz por você não ter feito isso.

Era engraçado caminhar de mãos dadas com ela ao luar, tendo a noite de céu aberto acima de nós e as ondas batendo nas pedras abaixo. Se eu tivesse tido dois meses para planejar uma noite especial e orçamento ilimitado para criar um clima, jamais teria conseguido superar aquilo. Era como se a natureza nos desse um empurrãozinho, nos aproximando. Mesmo quando estávamos chegando, notei que, na verdade, tínhamos diminuído o passo e relaxado nossos braços entrelaçados, como se estivéssemos de mãos dadas e caminhássemos juntos havia décadas.

Então a praia estava à nossa frente sob o luar, a areia surpreendentemente brilhante em contraste com a escuridão das rochas ao seu redor.

– Onde fica essa árvore... – comecei a perguntar, mas Lilah soltou a minha mão e saiu correndo, descendo em direção à água.

– Praia primeiro! – gritou ela para mim. – Venha!

Eu ri e meneei a cabeça, observando-a colocar a bolsa em uma pedra plana e depois correr na direção da água, os cabelos esvoaçando. Eu me encolhi quando vi que ela não diminuiu a velocidade ao se aproximar da água.

– Lilah, a água deve estar congelando!

– Não vou nadar! Mas não se pode ir à praia e não molhar os pés. É contra a lei, sabia? – respondeu ela.

– Bom, você certamente saberia – murmurei, apesar de imaginar que ela não poderia me ouvir. Lilah agora estava bem longe de mim.

A praia era protegida e as ondas estavam baixas. Lilah diminuiu a velocidade no último minuto, mas a água bateu nela mesmo assim. Coloquei meu laptop ao lado do dela, então caminhei devagar pela areia.

– Ok, se já era estranho não usar sapatos, isto então é muito louco – informei a ela.

– Está brincando?

Ela se virou rapidamente para me lançar um olhar severo que eu conseguia distinguir mesmo no escuro.

– Você não vai entrar?

– Se não vou entrar? É claro que não! – Eu ri.

Lilah se virou, ficando de costas para a baía. Andou para trás até as ondas baterem em suas panturrilhas, então estendeu a mão para mim.

– Você vai entrar, Callum.

– É sério, não vai dar.

Tremi só de pensar nisso e ri de sua postura e da determinação estampada no rosto dela.

– Estou curtindo a vista daqui. Não há necessidade de me molhar.

– Há uma necessidade *extrema* de você se molhar. – Ela franziu a testa.

– Você pode ficar aí olhando eu me divertir ou pode tirar a porcaria do sapato e experimentar você mesmo. Você sabe que a água cobre 70 por cento da superfície da Terra, certo? Dê dois passinhos para a frente e você poderá fazer parte de algo quase tão grandioso quanto o planeta em si.

Ela estendeu a mão de novo, seu sorriso brincalhão e paciente.

– É fácil, eu juro.

– Está *congelando*!

Decidi que, de alguma forma, era hora de falar o óbvio para alguém que devia saber, até mesmo melhor do que eu, que eu tinha razão. Talvez eu estivesse ficando sem desculpas.

– Não é tão ruim depois que você se acostuma.

Ela apontou para mim, acenando. Hesitei e, então, fiquei perplexo ao perceber quão perto eu estava de cometer aquela loucura com ela. Minha determinação, ou minha sanidade, ressurgiu, e eu recuei, decidido, meneando a cabeça.

– *Não* vou entrar. Vou ficar com areia nos sapatos!

– Sim. Vai – concordou ela. – Mas diga a verdade, já *tem* areia nos seus sapatos, não tem?

Mexi os dedos dos pés e senti os grãos sob as meias.

– Mas...

– Deixe-me dizer de outra forma.

Ela passou a mão pela coxa e, então, deslizou-a lentamente pelo corpo até chegar à boca. A linguagem corporal dela mudou, seu quadril se projetando na minha direção, os ombros curvados para trás, o queixo abaixado.

– Você quer me beijar?

Se ela ainda não captara toda a minha atenção, agora tinha conseguido. Lilah tirou lentamente os cabelos do rosto e não havia como não perceber a maneira como a expressão dela mudou de provocante para zombeteira.

– E então? – soltou ela.

Lilah me tinha nas mãos e sabia disso.

– Você é terrivelmente autoconfiante, Lilah Owens.

– Posso interpretar seus pensamentos como se estivessem em um livro aberto. Você quer me beijar e eu adoraria que me beijasse. Mas também posso ver que, bem lá no fundo, você também quer entrar na água, então não vou sair daqui até que você entre. Se *realmente* quer que esta paquera exaustiva termine bem, vai ter que tirar a porcaria do sapato e entrar na água.

Resmunguei e me abaixei para enrolar a calça até os joelhos e tirar meus sapatos pretos de couro. Em seguida, dobrei minhas meias cinza e as enfiei dentro dos sapatos. Meus pés fizeram o primeiro contato com a areia fria e áspera e eu arfei.

– É melhor que esse beijo valha a pena – resmunguei.

Ela comemorou alegremente enquanto eu me aproximava da água. A areia áspera se tornou mais fina e eu dei um grito quando meu pé tocou a água pela primeira vez.

– Está *congelando!*

– Ah, faça o favor. Se você acha que isso é frio, você nunca esteve na Rússia.

Assim que ela pegou a minha mão, me arrastou por mais alguns passos até a água passar dos meus tornozelos.

– Bom, você me seduziu para vir até aqui com a promessa de um beijo...

– Na verdade, eu ia dar um beijo na sua bochecha e sair correndo.

Ela sorriu, mas o sorriso desapareceu quando nos aproximamos.

– *Ia?*

Minha voz estava sumindo. Lilah pousou a mão no meu peito e nossos olhares se fixaram um no outro, a brincadeira sendo interrompida abruptamente.

As ondas agora batiam nas minhas panturrilhas e, de alguma forma, todo aquele blá-blá-blá que ela dissera sobre fazer parte de algo tão grande quanto a própria Terra pareceu sensato e incrível. Eu me aproximei para

acariciar sua bochecha, então segurei seu rosto enquanto me abaixava para beijá-la. Foi um beijo carinhoso, um beijo reverente, apesar de eu ousar dizer que não teria continuado assim se uma onda enorme e inesperada não tivesse me encharcado até as coxas com uma água congelante.

Lilah caiu na risada e me arrastou de volta para a areia. Por ser bem mais baixa que eu, ela agora estava com a parte de trás do corpo bastante molhada. Eu estava rindo como não ria havia tanto tempo que nem conseguia me lembrar, aquele tipo de alegria de tirar o fôlego, que rouba as suas palavras. Ela desabou na areia e eu me sentei ao seu lado. Se meus dedos dos pés não parecessem pedras de gelo e a barra da minha calça não estivesse pingando, eu pensaria que estava tendo um sonho particularmente louco.

– Ops – disse Lilah.

– Você tinha razão – falei, rindo. – Aquilo foi mágico.

Ela puxou a bolsa da pedra ao seu lado e a colocou atrás dela. Depois se deitou e a usou como travesseiro.

– Seu terninho... A areia...

Comecei a protestar, mas ela fez uma careta sugerindo que eu estava perdendo o fio da meada de novo. Suspirei e a imitei, colocando a bolsa do meu laptop na areia sob a minha cabeça.

– Olhe para as estrelas – disse ela. – Você não detesta a maneira como a poluição da cidade as ofusca? Não dá nem para ver a Via Láctea daqui. Minha casa em Gosford fica a uns 90 quilômetros, mas o céu é totalmente diferente. Costumo ficar sentada na varanda até tarde e vejo estrelas cadentes que brilham como flashes de câmeras.

Procurei pela mão dela na areia fria e entrelacei nossos dedos outra vez. Percebi que ela enxergava aquele céu sem nuvens como uma mera imitação de seu verdadeiro potencial, mas, bem ao lado dela, eu olhava para a mesma imagem estupefato com a vista. Tentei lembrar se eu ficava olhando para as estrelas quando criança. Eu me lembrava do meu pai me arrastando para acampar com ele e meus irmãos – é claro que eu tinha olhado para o céu ao menos uma vez. Ou talvez não, porque parecia que eu estava vendo a vastidão do céu à noite com olhos totalmente novos.

Lilah suspirou ao meu lado e se aproximou de mim na mesma hora que tentei colocar o braço em volta dela, e, quando nos tocamos, ficamos dançando risadinhas juntos, feito adolescentes. No fim, ela acomodou a cabeça no meu peito e eu passei meu braço pelo ombro dela. Lilah era pequena, e

seu peso em meus braços não era nada, especialmente se comparado ao do momento.

– Vamos ficar com hipotermia e morrer – sussurrei.

– E suas últimas palavras serão: “*Eu queria tanto ter ido a Paris*” – murmurou Lilah.

Eu ri e senti o peito dela balançar de tanto rir. Por alguns minutos, ficamos deitados assim na areia fria, olhando para as estrelas e curtindo a sensação mais próxima ao silêncio que uma pessoa pode encontrar na cidade. Então Lilah se virou, apoiou o queixo no meu peito e ficou olhando para mim. Ergui a outra mão para tocar a maciez densa de seus cabelos bagunçados e, depois, passei os dedos pelos seus lábios. Ela se esticou para que seu rosto ficasse em cima do meu e me beijou.

Esse beijo foi diferente do que tínhamos dado na água. Lento e quase surpreendente, foi o equivalente físico da conversa agradável que tivemos durante a caminhada de Manly Wharf até a praia. Estávamos nos conhecendo, e a areia gelada sob as minhas costas e a minha calça molhada caíram no esquecimento à medida que o calor do beijo foi tomando conta.

Quando Lilah, relaxada, se afastou de mim alguns instantes depois, eu me sentia tonto, como se tudo girasse fora de controle. Algo estava acontecendo entre nós, algo que eu ainda não conseguia descrever, mas que era muito real. Lilah voltou a se apoiar em meu peito, agora usando o próprio antebraço como travesseiro, e ficou olhando para mim. O olhar dela era zombeteiro e questionador.

– Você já transou na praia? – perguntou ela, mas seu tom era mais curioso que sugestivo.

Ergui a sobrancelha e me endireitei mais um pouco para poder manter contato visual sem ter que ficar sentado.

– Não.

– Eu já – disse ela, franzindo o nariz. – Lembra o que você estava falando sobre realidade e expectativa? Areia, fricção e certas partes do corpo não são uma boa combinação.

– Aposto que você estava presa em uma ilha deserta com um velejador bonito ou em algum outro tipo de aventura.

– Na verdade, eu estava em Fiji – disse ela, dando uma risada suave. – Só um pouquinho “presa”. Minha mãe cantava em um cruzeiro e eu fui de avião até lá para passar alguns dias com ela entre as viagens. Só depois de

eu ter chegado ela percebeu que seu navio tinha atracado em Porto Vila, que, na verdade, fica em Vanuatu, então eu me encontrava na região certa, mas no país errado. Meu namorado da época e eu ficamos três dias à toa em Denarau sem ter muito o que fazer.

– Então, vocês deram um jeito de se divertir.

– Algo do tipo – concordou Lilah; depois, suspirou. – Tenho um péssimo gosto para homens. Aquele cara era um idiota.

– Talvez tenha amadurecido com a idade. Você tomou todas as decisões certas esta noite.

Ela riu baixinho e perguntou:

– Quer voltar?

Eu queria envolvê-la em meus braços e sair correndo para o meu apartamento, mas, ao mesmo tempo, não queria que nosso encontro ao luar chegasse ao fim.

– Você não me trouxe aqui para me mostrar uma árvore?

– Ah! É verdade.

Eu me levantei, ajudei Lilah a ficar de pé e limpamos a areia do corpo – o máximo possível, já que grudara em todos os lugares em que tínhamos nos molhado. Lilah nos guiou pelo caminho de volta e, quando estava na trilha de novo, apontou para o morro atrás de nós. Eu podia enxergar as luzes brilhantes das casas ao longo da subida. Com a entrada da baía ao fundo, entendi perfeitamente por que alguém iria querer ampliar a vista. Mas eu não ia dizer isso a Lilah.

– Lá – disse ela, apontando para a silhueta de um pinheiro-de-norfolk que se projetava em direção ao céu cinzento.

Eu o reconheci porque há uma fileira icônica do mesmo pinheiro em toda a Manly Beach, mas a verdade é que aquela é provavelmente a única espécie de árvore cujo nome eu conheço. Era mais alta que as outras plantas ao redor e formava uma silhueta esquelética diante do brilho de uma casa enorme.

– Aquela é a árvore. Agora você entende?

Para ser sincero, eu não entendia nem um pouco. E sabia que, mesmo se visse a árvore durante o dia, ainda não conseguiria compreender o que Lilah estava querendo dizer. Acho que eu tomaria as dores do proprietário do imóvel. Ele devia ter dinheiro de sobra até para ser dono de um lugar com uma vista daquelas e provavelmente se esforçara para merecer desfrutar da paisagem paradisíaca se um dia fosse lavar a própria louça.

O que eu compreendia, contudo, era que qualquer um que tivesse a determinação para acreditar em algo de forma tão convicta e a força de vontade para lutar por isso, como Lilah claramente tinha, *não* iria entender a minha falta de compreensão. Então, eu assobiei, como se estivesse tão impressionado pela árvore quanto estava por aquela mulher, e meneei a cabeça devagar.

– É muito bonita mesmo. Duzentos anos de idade, você disse?

– Achamos que sim.

Ela ficou olhando em silêncio, como se estivesse manifestando sua reverência.

– Eu *sabia* que você compreenderia quando a visse. Algumas coisas você tem que vivenciar por conta própria, não é?

Meu olhar desceu pelo morro outra vez e pousou no rosto dela.

– Você tem toda razão.

Assim como eu não me lembrava de ter concordado em andar até a praia, não me lembrava de ter discutido para onde estávamos indo, mas eu sabia que nosso destino final era o meu apartamento. Caminhamos mais rápido dessa vez, talvez estimulados pelo calor que crescia entre nós, ou quem sabe até mesmo por causa do desconforto das roupas encharcadas e da noite fria de inverno. Nossa conversa se dava em lampejos, uma frase curta e uma resposta curta, e então apenas o som da nossa respiração enquanto caminhávamos em um ritmo meio desconfortável.

Assim que eu finalmente abri a porta e entramos, Lilah tirou a saia cheia de areia e a deixou no chão. Coloquei as chaves no aparador e tentei conter o choque e o contentamento.

Ela me lançou aquele olhar zombeteiro com o qual eu já estava me acostumando, como se minha reação fosse a única coisa estranha acontecendo naquele instante, e ficou andando pelo apartamento só de blazer e calcinha.

– Você não mentiu quando disse que estava no meio de uma reforma, não é? – perguntou.

Ela se abaixou para passar a mão pela mesa de centro de madeira maciça pela qual eu tinha pagado uma fortuna, inadvertidamente me proporcionando uma bela vista de suas coxas e sua bunda sujas de areia.

– Bela mesa de centro. Onde é o quarto?

No dia seguinte, eu acordei animado – o que era uma sensação estranha. A vida não tinha mais nada de estimulante para mim havia muito tempo. Lilah realmente se equivocou quando disse que eu estava entediado, pois eu com certeza não era infeliz – apenas tinha conquistado tudo que queria e me acomodara.

Deitado ali, com o cheiro de Lilah em meus lençóis, senti que algo dentro de mim voltava à vida. Era um brotinho verde minúsculo em um galho praticamente sem folhas, mas ainda estava lá, e eu sabia que ele podia florescer e se tornar algo memorável.

Percebi, assim que abri os olhos, que ela já tinha ido embora. Deitado na cama, perscrutei o quarto em busca de um sinal físico de que ela estivera mesmo ali, mas a blusa perto da porta... o blazer perto da cama... a bolsa no lugar onde meu guarda-roupa embutido ficaria um dia... Não havia mais nada ali.

Tomei banho e me vesti para trabalhar, forçando um monólogo interior sobre as reuniões e os prazos do dia a fim de não dar espaço para a decepção. Eu tinha que revisar uma peça com uma equipe, começar uma apresentação para clientes e atender um novo cliente. Precisava conversar com o RH sobre preencher aquela vaga de redator e montar o planejamento de gerenciamento de performance para o pesquisador que me dava dores de cabeça. A reunião da diretoria seria em apenas uma semana, e eu ainda não tinha certeza se deveria recomendar a adoção do orçamento de TI proposto para o ano seguinte. Tantas coisas para fazer, tão pouco tempo, sobretudo após uma noite totalmente improdutiva.

Só quando entrei na balsa e me peguei observando a multidão no horário de pico para ver se a encontrava é que reconheci a sensação pesada em meu peito.

Eu não queria ter um caso de apenas uma noite com Lilah – mas o pior era que eu não *esperava* que fosse só isso. Eu tinha sido pego totalmente de surpresa, e o fato de ter ficado vulnerável o suficiente para me sentir tão decepcionado depois de apenas uma noite juntos machucava.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br